

O GIRO DA FOLIA DE SANTOS REIS EM UMA METRÓPOLE

LA FIESTA DE LOS SANTOS REYES EN UNA METRÓPOLI

Tito Oliveira Coelho

Pós-doutorando em Geografia pela UFT/Porto Nacional, TO
titocoelho2000@yahoo.com.br

Resumo:

Neste trabalho apresentamos a cidade, seus ruídos, objetivos, tempo-espço e como esses elementos podem interferir nos ritos (conjunto de regras e cerimônias) e nos rituais (ações, práticas e ritos que compõem o cerimonial do giro da ‘folia’) praticados no giro da Companhia de Santos Reis do Jardim das Aroeiras, em Goiânia, Goiás. Nosso interesse, aqui, é discutir como ocorrem as negociações simbólicas da crença com a cultura urbana, com as metas, objetivos e realizações simbólicas de um giro de folia. A problemática da pesquisa foi a de nos familiarizarmos com os integrantes do grupo para perceber os fatores espaciais e territoriais durante os ritos e rituais. Ainda, faz parte de nossa discussão entender os significados dessa festa para os sujeitos que a preparam, cantam e saem em jornada simbólica nas ruas; para os que recebem a bandeira em suas casas, nas ruas, nos estabelecimentos comerciais e para os que participam da grande festa de entrega da bandeira (do festeiro ‘velho’ para o festeiro ‘novo’). Todos são considerados foliões para o capitão da companhia. Para se chegar aos resultados propostos, realizamos entrevistas com o festeiro do ano de 2014/2015, com integrantes do grupo da referida companhia, devotos ou foliões de pouso (da bandeira) de almoço e janta, devotos que recebem a companhia nos entre pousos da bandeira e participantes da festa final, a entrega. Por fim, são discutidos a imaginação, os sentimentos e as ações dos sujeitos desta cultura na Região Leste de Goiânia.

Palavras-chave: Geografia, território, festa, cultura religiosa.

Resumen:

En este trabajo presentamos la ciudad, sus ruidos, los objetivos, el tiempo y el espacio y cómo estos elementos pueden interferir en los ritos (conjunto de reglas y ceremonias) y en los rituales (acciones, prácticas y rituales que conforman el ceremonial del “giro da folia”) practicados en el “giro” de la Compañía de los Santos Reyes del Jardim das Aroeiras, barrio de la ciudad de Goiânia, Goiás, Brasil. Nuestro interés, aquí, es discutir cómo ocurren las negociaciones simbólicas de la creencia con la cultura urbana, con las metas, los objetivos y los logros simbólicos de un “giro da folia”. El problema de la investigación fue familiarizarnos con los miembros del grupo para percibir los factores espaciales y territoriales durante los ritos y los rituales. Además, es parte de nuestra discusión buscar entender los significados de esta fiesta para los sujetos que la preparan, que cantan y salen en un viaje simbólico por las calles; para los que reciben la bandera en sus hogares, en las calles, en las tiendas y para los que participan de la gran fiesta de entrega de la bandera (del “festeiro” ‘viejo’ para el “festeiro” ‘nuevo’). Todos son considerados “foliões” para el capitán de la compañía. Para lograr los resultados propuestos, realizamos entrevistas con el “festeiro” del año 2014/2015, con miembros del grupo de dicha compañía, con devotos o “foliões” de desembarque (de la bandera), de almuerzo y de cena, con los devotos que reciben la compañía entre los desembarques de la bandera y los participantes de la fiesta final, la entrega. Por último, se analizan la imaginación, los sentimientos y las acciones de los sujetos de esta cultura en la Región Leste de Goiânia.

Palabras clave: La Geografía, el territorio, la fiesta, la cultura religiosa.

INTRODUÇÃO

Existe um movimento de coisas e pessoas na Região Leste de Goiânia que caracteriza o uso de uma extensão (território e lugares) para a jornada ou giro da Cia. de Santos Reis Jardim das Aroeiras. Esta movimentação é um dos ‘elementos’ que proporciona identidade, estímulos, significados, emoções, sentimentos de pertencimento de fé (que transcende as religiões) a um grupo, a uma cultura, a um afazer sagrado em prol das pessoas de uma região dentro de uma cidade grande. A casa do festeiro, as casas visitadas, as 21 casas de pousos de almoço e janta criam lugares, dão significados aos espaços por meios materiais (pessoas, coisas e símbolos) e imateriais (cantorias que estimulam a fé das pessoas) e ocasionam momentos de felicidade a um conjunto de devotos. Em todos os grupos de folia, “o ‘cantorio’ é uma das principais atividades desempenhadas pelos foliões ao longo de suas viagens cerimoniais” (PEREIRA, 2011, p. 162). Como é um grupo considerado precatório, o embaixador canta pedindo oferendas, e, ao final da cantoria, o palhaço reforça, com versos, esse pedido de ofertas, tanto para a bandeira quanto para si. São dimensões espaciais muito abrangentes em suas mais diversas acepções, cujas explicações e esclarecimentos são inesgotáveis.

Em cada jornada podemos intuir, imaginar, pensar, sentir, perceber, enxergar, relacionar e analisar formas de amor por todas as coisas universais, paixões simples e complexas, formas de satisfação, convivência com dores causadas por doenças, conflitos por orgulho, egoísmos, vaidades e outras formas de movimentações que demandam saberes de convivência pacífica. É no giro da folia que podemos adquirir a sensibilidade necessária para analisar, com lógica e compreensão, as formas de pensamentos, sentimentos, atitudes e realizações dos devotos e foliões, se é que existem diferenças entre um e outro. Um só pode se manifestar mediante o sentimento do outro.

Em nossa época, a Geografia transcendeu as formas descritivas da paisagem, de movimentos econômicos regionais e outros, acrescentando diversas formas de humanidade, sociedades religiosas, movimentos festivos de toda sorte e, com os conhecimentos evidenciados por Chico Xavier, a espiritualidade vem se introduzindo como parte das análises espaciais. A Geografia Cultural vem se deixando mostrar no território, na paisagem, nas regiões e nacionalidades. Os geógrafos e outros cientistas, à medida que se humanizam, se esclarecem e evoluem, também vão intuindo formas modernas e específicas de cartografar tais movimentos imateriais.

No entendimento de Almeida, Vargas e Mendes (2011), os territórios culturais e de identidade fazem parte, atualmente, do “âmbito de diferentes áreas do conhecimento” científico de forma proeminente. Os estudos das manifestações festivo-religiosas estão sendo realizados pelos

acadêmicos de graduação e pós-graduação e têm feito parte de projetos governamentais justamente por serem profícuos. Ademais, sua dimensão simbólica tem sido relevante nos estudos sobre espaço, cultura e identidades territoriais. Compreendemos que o espaço, além da dimensão material, é construído primeiramente por arquétipos, ou seja, é imaginado, sentido, projetado e, depois, ‘materializado’. Nesse sentido, os pensamentos, os sentimentos e as atitudes movimentados pela cultura materializam-se em forma de espaço, instruindo, educando e propiciando determinadas formas espaço-temporais. Esses ‘elementos’ podem definir distintas cotidianidades, cujos estudos demandam menos oposição entre as dimensões ‘material/espiritual’. Na atualidade a humanidade mostra-se com maiores tendência às relações sentimentadas (ação do sentimento no local) e sentimentalizadas (quando o sentimento foi executado) em vários sentidos.

Novas perspectivas geográficas vêm sendo propostas na análise de regiões, territórios, lugares e paisagens culturais e suas identidades, e uma das questões mais importantes a ser considerada pelos geógrafos de todo Planeta Terra é “como pensar cultura e identidade considerando apenas o fixo, o pronto, o acabado, se a própria identidade está em constante processo de fazer-se, se está sempre em curso?” (ALMEIDA, VARGAS e MENDES, 2011). Isso quer dizer que há reinterpretações e reajustes nos feitos espaciais na atualidade. Assim, consideramos que a dialética espacial, ou melhor, o constante movimento de renovação no tempo e no espaço pela dinâmica cultural, possibilita perceber, em complexas dimensões, a história, as relações, os pensamentos e sentimentos que dão formas e sentidos aos espaços sujeitos a metamorfoses. Desse modo, podemos pensar no espaço para além dos elementos da paisagem, considerando a fé (que está acima das religiões), as crenças, as variações linguísticas e as artes.

Compreendemos, logicamente, que os fatores de reunião de foliões, devotos, simpatizantes de Santos Reis e do Nascimento do Cristo são: fé, devoção, promessas, votos, aptidões musicais, amizade, estar-com-o-outro, emoção e, também, comida. Os símbolos da folia são o palhaço, a bandeira, os presépios e as lapinhas, as melodias das toadas, a culinária, os arcos feitos de folhagens de palmeiras e enfeitados com flores naturais ou de papéis, as oferendas para a bandeira e presentes para os palhaços; esses são atrativos para atrair os devotos para rezas, orações, preces e súplicas, de forma recitada e cantada.

Como as folias de Santos Reis pertencem à dinâmica cultural brasileira em sua histórica territorialização urbana e rural, nos propomos à análise das distinções das jornadas nas cidades, roças e cidades grandes com seus ruídos, coisas e tempos, símbolos, objetivos e significados para os foliões. Sabemos que as manifestações econômicas em Goiânia – com os efeitos da globalização – têm se tornado cada vez mais um meio para que o mercado se instale de forma que dê vazão a novos conteúdos técnicos. Distintos ‘níveis’ de forças, influências e consciências se concentram

concomitantemente às forças produtivas e seus meios para produzir nessa região metropolitana. Além do capital manipulado temos, a cada dia, mais a influência da tecnologia e das organizações sociais. Além disso, a divisão social do trabalho (dependente do pensamento e da ação humanas), relativa à localização dos fatores de produção, distribuição, circulação, comercialização e consumo, define a forma de vida, a aplicação das técnicas e a maneira pela qual o território é utilizado.

A folia de Reis do Jardim das Aroeiras, em Goiânia, foi formada a partir das relações sociais, uma vez formada a metrópole como locus do trabalho que ‘forjou’ a concentração de pessoas e suas demandas no espaço. Moreira (2009, p. 62) explica que “o espaço é o resultado de um processo no qual o homem, a produção e o tempo exercem o papel essencial”. Quando as pessoas são aglomeradas em determinado espaço há gênese de várias formas de trabalho: a prestação de serviços, as atividades industriais, comerciais e, por essa razão, o trabalho cultural articulado com aqueles. Por isso, percebemos manifestações culturais que vão se adaptando a novas demandas e exigências. Novas organizações espaciais se desenvolvem na cidade de Goiânia, que recebeu sujeitos do meio rural, de cidades pequenas e de outras metrópoles brasileiras.

Teoricamente, cidade e campo não se ‘misturam’, mas também não se excluem, pois se estabelece uma relação de mão dupla, na qual ora a cidade fornece coisas para o campo, ora este fornece produtos à cidade, ambos proporcionado ao outro bens materiais e imateriais. Moreira (2011, p. 79) explica que “é a cidade, entretanto, a referência do novo ao tempo que a fazenda mantém-se como base. Cabeça do Estado nacional, a cidade é o centro político de um arranjo de espaço de que a fazenda é o cerne econômico”. Outros elementos urbanos surgem aos poucos, como é o caso dos grupos de folia.

DIFERENÇAS DO GIRO DA FOLIA NA CIDADE GRANDE EM COMPARAÇÃO AO MEIO RURAL E ÀS CIDADES PEQUENAS

Sabemos que os giros de folias de Santos Reis eram festas urbanas levadas “para o meio rural” (ALMEIDA, 2011), mas que, por força da urbanização mais recente, estão presentes, novamente, nas cidades. Os ritos das folias na roça (meio rural) e nas cidades são realizados por grupos locais ou de outros lugares. São comuns os arcos feitos de folhas de palmeiras, enfeitados com fitas, flores e outros adornos, os quais escondem os presentes para os palhaços e nos quais se colocam os letreiros (o ABC), além dos ranchos de palha para receber convidados, servir a comida e depois dançar. São estes os meios utilizados para demarcar e controlar o espaço festivo das festas, ritualizadas de maneira simbólica, propiciando uma microterritorialidade. Percebemos condições

espaciais de microinterações espaciais-culturais a partir da lógica territorial, das formas de territorialidade, microterritorializações em pequenos espaços imaterial e materialmente articulados, agregados e interdependentes, que antes se manifestavam nas roças e, hoje em dia, se destacam no meio urbano.

Por meio das festas de santo os camponeses negociavam alguns elementos de forma estética, definiam regras e códigos morais, tanto de convivência quanto de interesse comum. Essas ocasiões evidenciam microterritorialidades, como a associação de valores, as subjetividades e as formas de afetividades específicas a cada segmento. Segundo Almeida (2011), “pelo percurso das folias ao fazer seus ‘giros’ e pernoites nos ‘pousos’ das fazendas marcados pela cantoria, forró e comida”, podemos observar símbolos territoriais locais, como as construções, que não excluem a política como instrumento de poder dirigido pelas comunidades. As festas são meios de estabelecer relações sociais e territoriais de vizinhança, observando suas diferenças econômico-culturais, que as tornam ora espaços ora lugares. Por isso, vale a pena pensar nas propostas de Fortuna (2012), ao chamar a atenção para o estudo dos “*espaços ordinários entre*” as construções verticais das cidades e das “*semânticas*” que traduzem o sentido de “(micro)usos sociais”.

As festas de santo urbanas enquadram-se nessa perspectiva de territorialidades em escala micro, “entre um tempo denso e longo próprio do estudo das macroestruturas” e “o tempo precário e curto típico dos ritmos nervosos da vida sensível e dos microacontecimentos sociais [...]” (FORTUNA, 2012, p. 200). Entendemos isso como a somatização dos fatores corpo, memória, identidades, sentidos, afetividades e significados que se intensificam nas cidades. Elas são a possibilidade do surgimento do novo, criando novas formas de regulação, normas e regras à medida que as fábricas vão surgindo. Moreira (2011, p. 113) explica que “o sentido dessas regras é que o trabalho na indústria implica uma disciplina de tempo e espaço concomitante à regularidade da rotina e dos prazos de mercado, desconhecida pelos homens e mulheres que migram tanto da fazenda quanto da cidade para o trabalho na fábrica”. Não é fácil para a gente simples que vem para a cidade compreender a regulação da vida cotidiana na rotina de horários e prazos do tempo-espaço, medido em horas que disciplinam e ordenam a rotina de trabalho fabril, salienta o autor.

O capitão da folia, “Seu M.”, ao esclarecer as diferenças do giro da folia na cidade grande com os das cidades pequenas e nas roças (meio rural), explicou como ocorreram essas complexas movimentações:

De primeiro era diferente... porque de primero o pessoal da fazenda ficava por conta da folia. Aqui na cidade vai quando pode. O pessoal tem que trabaiá, né...? Nas roça agora não tem tanta casa, só tem os fazendero... os folião que vai tirá folia lá é daqui da cidade. Antigamente o povo da folia era tudo de lá. O povo era que pedia pra dá o armoço, não

precisava de pedir... lá hoje é mesma coisa de cá... (Entrevista concedida a Coelho, em 14/12/2014)

“Seu M.” ressaltou que “a diferença da cidade pequena é que todo mundo conhece todo mundo... sabe quem é crente, quem é catorco... só isso. Agora na roça pegô o mesmo ritmo, todo mundo vai prá lá... não tem mais aquele tanto de galinha, de vaca, os fazendero não abre mão, né?” (entrevista concedida a Coelho, em 14/12/2014).

A folia goiana normalmente gira durante a noite – enquanto a mineira ocorre de dia –, evidenciando diferenciações notadas pelos devotos. “Dona G.”, que já foi festeira da folia, ao dar entrevista sobre as diferenças da folia na cidade grande disse: “tem sim... a diferença que eu acho, que eu fui criada é assim: na roça a folia era a noite, aqui é de dia, mas o Santo é o mesmo, a bença é a mesma, mas a religião é a mesma também... na roça é diferente... mas a religião é a mesma... é a religião que eu fui criada” (entrevista concedida a Coelho, em 07/01/2015). O sanfoneiro da folia, “Seu A.”, um dos remanescentes fundadores do grupo, citou diferenciações da roça, onde vivia, como a folia goiana e mineira, as condições relacionadas à salubridade ambiental e as más condições a que eram submetidos: “a folia goiana gira a noite e posa [dorme] de dia... no mei da mundaça [imundície], nos paioli... de baxo das manguera [pés de manga], das moita... mundaça: pioi de galinha misturado com rato” (entrevista concedida a Coelho, em 17/01/2015).

Atualmente, percebemos as festas como fenômenos que ocorrem nos microterritórios, ou seja, na “confluência interescalar do macro e do micro” (FORTUNA, 2012, p. 200). Em consonância com Almeida (2011), Fortuna (2012, p. 201) salienta que são “fenômenos situados nos lugares ou, mais objetivamente, em espaços de pequena escala com gente dentro”, caracterizando uma dimensão humano-territorial particular. Uma particularidade constatada é a intensidade da fé no meio rural e no meio urbano. O folião de resposta de primeira voz e violonista, “Seu O.”, habitante do meio rural que se desloca todos os anos a Goiânia no tempo do giro, disse que “a tradição da roça sempre foi mais comemorado[a]. O povo da roça tem mais fé, aquiridita mais” (entrevista concedida a Coelho, em 06/01/2015). Uma questão para novas pesquisas é a da fé do povo da roça em comparação com o da cidade.

O que distingue a festa rural da urbana – pelo menos até recentemente – são as funções, a economia, a infraestrutura e os serviços contidos em cada um. Por esse motivo, Almeida (2011) considera que “as festas denominadas rurais situam-se, pois, neste universo de aglomerados urbanos com menos de 20 mil habitantes”. Nesses espaços era evidente o caráter folclórico e festivo das folias, deixando a desejar a conduta moral dos foliões. O folião de apoio (com experiência em logística de festa), “Zé F.”, considerou as distâncias e as diferenças culturais: “as casa é longe e

mais dificuldade... a folia de Reis não é face [fácil] não, aqui tem muita cultura diferente” (entrevista concedida a Coelho, em 07/01/2015).

Havia muito uso de bebidas alcoólicas, profanação por brincadeiras obscenas e outros. Os grupos não permitiam que mulheres e crianças fizessem parte dos foliões, mas atualmente a sociedade exige mudanças que permitiram a moralização da conduta dos foliões, sob pena de os devotos moradores não mais darem pouso e até mesmo deixarem de receber folias que pratiquem más condutas. No estudo de Coelho (2012, p. 49), o capitão da Cia. de Santos Reis do Jardim das Aroeiras, em Goiânia, foi interferindo “nos antigos costumes dos giros de folias... rompendo-se com uma tradição e ‘inventando-se’ outra, que procurou expungir certos hábitos inconvenientes”. Em tempos passados havia uma tradição de ficarem sem banho por até 30 (trinta) dias, mas tudo isso mudou, de maneira a satisfazer aos devotos moradores. Observemos, na Figura 1, “Seu M.”, o capitão da Cia., distribuindo refrigerante durante o almoço em uma residência cujo devoto morador é dono de um bar.



Figura 1: “Seu M.”, capitão da Cia. de Santos Reis do Jardim das Aroeiras, em Goiânia.

Foto: Tito Coelho, 29 de dezembro de 2014.

Uma diferença sentida, observada e percebida nos giros é a interferência da movimentação urbana, que pode dificultar, de várias formas, os cerimoniais das folias.

A INTERFERÊNCIA DOS RUÍDOS, DAS COISAS E DO TEMPO DA CIDADE GRANDE NO GIRO E NOS RITUAIS DA FOLIA

As coisas e o tempo-espaço da cidade grande interferem não somente nos rituais da folia, mas também no cotidiano geral das pessoas. A cotidianidade pode ser vista como o espaço e o tempo no qual se manifestam, no presente, as relações que os homens estabelecem entre si e a natureza mediante suas necessidades. Isso configura suas condições concretas de existência. Pichon-Rivière e Quiroga (1985, p. 12) definem cotidianidade como sendo “la manifestación

inmediata, en un tiempo, en un ritmo, en un espacio, de las complejas relaciones sociales que regulan la vida de los hombres en una época histórica determinada”. Em cada época e em cada forma de organização espacial, social e cultural temos determinados tipos de vida cotidiana devido aos diferentes tipos de relações com a natureza e com os seres humanos.

A cotidianidade também pode ser compreendida como o modo material, social e espiritual em que se organiza o espaço, sendo as experiências humanas elementos relevantes em determinado contexto histórico e social da humanidade. “Seu M.”, ao comentar sobre a interferência dos ruídos, das coisas e do tempo no giro e nos ritos da folia na cidade grande, nos disse que

depende... dá problema... Aqui se tivé em festa num pega [a bandeira]... nois tá bebenaquí, dexa proto dia [os moradores] lá na cidade pequena passa todo mundo junto. Lá na cidade pequena todo mundo conhece todo mundo, todo mundo ajuda. Aqui ninguém ajuda, ocê tem que fazê sozim. Quem tá fazeno barui na bebedera num recebe. Lá na cidade pequena pode tá barui que para e arrebebe. Aqui não, fala que tá curta aqui... a vez tem os crente... tem os catorco tamem que não gosta de folia... gosta de bebê, né? (Entrevista concedida a Coelho, em 14/12/2014)

O folião de giro “Seu O.” complementa dizendo que “atrapaia... ocê tá cantano passa um carro com o som arto...” (entrevista concedida a Coelho, em 06/01/2015).

O cotidiano definido por tipos de relações e suas modalidades de reconhecimentos, suas codificações e as formas de satisfazê-las segundo metas formam um conjunto de fatos, atos, objetos, relações e atividades dramáticas, ou seja, ações entendidas como mundo-em-movimento (PICHON-RIVIÈRE e QUIROGA, 1985). “Dona G.” disse: “sim sinhô. Porque tira a atenção da gente... vucê não sabe se presta atenção nos movimento lá de fora ou o que ucê tá siguino, tira sua atenção” (entrevista concedida a Coelho, em 07/01/2015). É uma relação entre a necessidade e a meta na cotidianidade da família da qual fazemos parte ou a qual constituímos. Exercem influência na cotidianidade a leitura que fazemos em livros, revistas e jornais; os programas de televisão e os filmes que assistimos; os dotes e as práticas culinárias; a moda, os meios de locomoção, o trabalho, os relacionamentos afetivos, os tipos de consumo, a economia, e, por fim, mas não menos importante, a música que ouvimos.

O trânsito frenético nas metrópoles é um dos fatores principais de interferência nos ritos e rituais de uma folia. Outros são a diversidade religiosa e as más tendências dos homens, como diz “Zé F.”:

Pode sim. Trânsito em primeiro lugar que eu acho. Não sei... As pessoa que não gosta... os protestante, enfim, esse aí que é diferente da roça. Acho assim... que a diferença é... muito carro, muito trânsito pesado, a gente tem que tê fé prá passá no mei disso aí. A folia saiu lá do Novo Mundo [residência do festeiro], tem o segredo para travessá prá cá... e travessô prá lá de novo, tem que tê Deus... Lidá com o invejoso, ganância... (Entrevista concedida a Coelho, em 07/01/2015)

Contudo, as ideias a esse respeito são divergentes, como pode ser percebido na resposta de “Seu A.”: “não, num atrapaia não...” (entrevista concedida a Coelho, em 17/01/2015). Tudo depende da simbologia adquirida ao longo da formação social de cada indivíduo.

NEGOCIAÇÕES SIMBÓLICAS DA CRENÇA NOS TRÊS REIS SANTOS COM A CULTURA URBANA

As folias de Santos Reis (Belchior, Gaspar e Baltazar) simbolizam o Santo Nascimento de Jesus Cristo, transcendendo a religião católica, pois é um fator e um fato planetário e, também, universal (católico como adjetivo geral, comum e de interesse mundial). Nos cerimoniais da folia são observados usos, costumes e significados por meio das cantorias como forma de comunicação cantada entre foliões e devotos moradores. As cantorias proporcionam trocas complexas entre os devotos e a divindade. O rito como expressão do temor religioso, das rezas e orações e todo ritual da folia simboliza a devoção e o culto a “seres espirituais superiores (os que estão na guia, simbolizados pela bandeira, e nos presépios, a saber, Jesus, Maria, José e os reis Melchior, Gaspar e Baltazar), a Santíssima Trindade, os anjos, os familiares falecidos dos devotos e outros” (COELHO, 2011, p. 187). As cantorias na saída da bandeira, na visita às casas, nos pousos, nas ruas, quando é o caso de encontrar com um devoto que porventura esteja indo ou voltando do trabalho, e na chegada são direcionadas, preferencialmente, a estes seres.

Na análise de Coelho (2012, p. 13), “as festas em geral exercem importante papel social na vida do ser humano, permitindo-se estar pre-sente em tempo-espacos transcendentais a partir de comportamentos simbólicos”. Esta parte de nossa análise não foi tarefa fácil, pois os questionamentos que fizemos são de difícil compreensão para as pessoas simples da folia. Os foliões, de forma geral, tiveram dificuldade em interpretar os conceitos de símbolos, em entender o que seja crença e as diferenças entre a cultura rural e urbana.

Atualmente, não só católicos, mas também parte das pessoas adeptas ao protestantismo, estão considerando e, ainda que de forma dissimulada, participando dos rituais da folia de Reis. Almeida (2011) considera a festa como um dia para celebrar e comemorar um fato religioso, marcado por um símbolo especial, podendo sensibilizar “o espírito do próximo, atrair fortemente sua atenção, mostrar evidência, fazer a celebração triunfar, de manifestá-la”. Para a autora, a festa é uma forma de testemunhar crenças coletivas, representações sagradas de determinadas comunidades; de criar símbolos territoriais que sobrepujam o acontecimento; os símbolos identificam e qualificam os lugares, as paisagens e espaços como fazendas, povoados e cidades,

capelas e outros. Cada segmento religioso tem uma visão de simbologia, uma crença, e interpreta as dimensões culturais de forma diferente.

Quanto às negociações simbólicas da crença nos Três Reis Santos com a cultura urbana, “Seu M.” foi conciso: “não... tem nada a ver coisa com ota...” (entrevista concedida a Coelho, em 14/12/2014). O capitão da folia se viu em uma situação caótica ao tentar interpretar a relação de negociações simbólicas, crença e cultura urbana na metrópole. Já “Seu O.” percebe que

na verdade... é muitos folião que deixa a obrigação dele por aquiriditá nos Treis Rei Santo e tê a fé Neles. Não são a maioria, mas tem uma porcentage só que vai só pra andá mesmo, só prá participá. As veiz não quirdita naquilo... não vai pela fé. Nesse grupo nosso eu tiro uns 20% [só para andar], no nosso grupo que é bem formado... grupo por fé que procura fazê um bão trabai. (Entrevista concedida a Coelho, em 06/01/2015)

A esse respeito, “Dona G.” nos disse: “isso não sei lhe respondê” (entrevista concedida a Coelho, em 07/01/2015).

Na concepção de “Zé F.” não, pois “a gente anda pela fé... isso aí é uma tradição. Eu enxergo isso aí que se não tomá cuidado, vai acabá... tem manipulação, se deixar [por conta de certos foliões] o giro só na família dele, ela tem que girá, andá... o poso [de almoço e janta] só vai sê lá...” (entrevista concedida a Coelho, em 07/01/2015). Não conseguiu interpretar o que seja negociações simbólicas na cultura urbana, mas o fez com os motivos de se estar girando, explicando que isso acontece por fé, tradição, jogo de poder e interesses familiares que podem interferir no curso coerente do giro, como o orgulho de família.

Por sua vez, “Seu A.” não conseguiu enxergar as negociações simbólicas: “não... a cultura é uma só... só porque o mineiro inventô a folia com a quatro, a cinco e a seis voiz” (entrevista concedida a Coelho, em 17/01/2015). A dificuldade dele foi a adaptação ao grupo de folia mineira, mas, posteriormente, foi se acostumando e agora toca sanfona em vários grupos, não fazendo diferença entre a folia goiana ou mineira. Ainda, acrescentou que gira em 16 (dezesesseis) grupos de folia durante o ano, por ser aposentado e ter tempo de fazer o que gosta.

Isso nos leva à ideia de intencionalidades para que se possa realizar o simbolismo da visita dos Três Reis Magos à Lapinha de Belém em forma de grupo de folia.

OBJETIVOS E REALIZAÇÕES SIMBÓLICAS DA FOLIA

Existem diferentes formas de estar na festa, conforme explicam Lôbo e Maia (2011, p. 150): “comer, beber, rezar e festejar simultaneamente”. A respeito dos objetivos e das realizações simbólicas da folia, “Seu M.” exclamou:

muitos motivo...! Muitos sai porque é frocore [folclore] brasileiro... otos sai porque gosta, otos sai pra lová o Sinhori Jesus Cristo. Cada um tem um motivo diferente. Uns gira por frocore brasileiro, otos gira porque gosta... é religioso. Otos gira porque gosta de fazê festa... Tem folia que sai por diversão, otos pra aparecê. O objetivo divia sê pro mode que o Sinhori Jesus Cristo nasceu, né? (Entrevista concedida a Coelho, em 14/12/2014)

Destacamos que “o fazer-se presente na festa é estar envolvido em emoções, de modo que as ações ritualísticas tenham as dimensões sociais e simbólica articuladas para atribuir sentido à realidade e à compreensão do mundo circundante, bem como à vida e ao imaginário das pessoas ligadas aos festejos” (LÔBO E MAIA, 2011, p. 150). Mais que simples poesias cantadas, as cantorias impulsionam movimentos coordenados entre os sistemas de objetos.

O ser humano tem como uma de suas aspirações, nos festejos de santo, dar sentido à vida compartilhando a realização e a continuidade de determinada tradição. “Seu O.” considera que os objetivos são para “realizá um trabai prá ficá pros mais novo que vem... como não vai conhecê floresta e nem bicho...” (entrevista concedida a Coelho, em 06/01/201). O trabalho de uma festa, nesse sentido, é “a garantia de que a festa repetir-se-á como sempre” (LÔBO E MAIA, 2011, p. 156). Sobre os objetivos do partícipe nas festividades do catolicismo popular, os autores consideram a alegria por trabalhar para ver a festa acontecer, o sentir-se na presença de Deus, levar no coração o amor de Deus.

Um dos objetivos de participação em uma festa também pode ser a fé como fator de sentido imaginário, de sentimento por estar na festa ano após ano. “Dona G.” disse: “não sei lhe dizê pra te explicá direitim porque desde quando eu entendi por gente meus pais já participava. Tem a fé, a promessa... Então os Três Reis é essa motivação. Se seus filho pede Eles dá a bença pra ele” (entrevista concedida a Coelho, em 07/01/2015). Por isso percebemos que a fé, a promessa e as bênçãos são motivações e formas de vincular as pessoas ao espaço habitado, dando a ele um sentido, ou seja, proporcionando relacionamentos familiares que possam cristalizar, na memória dos mais jovens, a Epifania do Senhor.

Independente da posição social, há uma admiração por coisas simples, tal como a amizade (MCGINNIS, 2006) que as pessoas fazem nas atividades culturais tradicionais. O folião de festa e apoio “Zé F.” considera que o objetivo da folia “é uma cultura, uma religião, uma devoção, laço de amizade, uma tradição. Entre o grupo fica conhecido... laço de amizade...” (entrevista concedida a Coelho, em 07/01/2015). Há foliões cujos objetivos são folclóricos e simbolizam a memória antiga de um festejo, nem tanto sagrados. “Seu A.” considera que “a folia é flocore [folclore], né?... é coisa antiga, né?” (entrevista concedida a Coelho, em 17/01/2015).

A folia tem diversos significados para os foliões e para cada participante, seja ele folião de giro, de festa e/ou folião de apoio. Uns encaram o giro como devoção, como oportunidade de exibir habilidades, de festar e comer, enfim, de estar na jornada por algum motivo.

SIGNIFICADO DA FOLIA PARA OS FOLIÕES

O ser humano tem necessidade de, mesmo estando com o pé no chão, cuidando dos afazeres terrenos, estar ligado em alhures, ou seja, em outro lugar; de transcender e ser transportado pelo pensamento, assim como envolver-se em situações totalmente distintas das que vive no trabalho, nos estudos, enfim, precisa se opor, de forma ambivalente, aos aspectos das obrigações e convenções sociais em que se vê responsável. Todo ser humano necessita de prolongamento sobre esse tempo e os ambientes musicalizados proporcionam essa curvatura no tempo-espaço em que se vive e no qual se gostaria de viver. Percebemos pessoas que, ao ouvir as toadas, deixam-se mostrar como se tivessem perdido, momentaneamente, a consciência terrena; mostram-se suspensos realmente, mais que aparentemente, da esfera ou do espaço terrestre; deixam de estar presentes (de corpo e alma no chão) para estar pre-sente em outro mundo, em uma espécie de desfalecimento sincopado. Observamos pessoas, na folia, em estado de suspensão da vida terrena e em re-ligação com o sagrado.

Sobre o significado da folia para os foliões, “Seu M.” percebe os motivos pelos quais os foliões encaram a folia: “qual é aquele que incara ela... por divurção [devoção]!!!? Fica abençoado pro ano intero. O tos faiz pra mostrá que ele é bão... uns pra pegá o prato... o que significa os Treis Rei pr’ele? Nada. Vai mostra que toca... otos vai – notas folia –, pra bebê pinga... tem vários significado” (entrevista concedida a Coelho, em 14/12/2014). Curado e Maia (2011, p. 70) observaram que nas festas de santo “muito mais do que a devoção é a necessidade de socialização do grupo... através dos sons, dos cheiros, cores, movimentos, símbolos...”.

Quem não tem fé suficiente a ponto de não recorrer ao sagrado nos momentos de aflição? “Seu O.” disse, emocionado: “é muita coisa pra mim... eu que aricibi a bênça... se eu fô contá dá um livro procê... cumé que eu cumecei...” (entrevista concedida a Coelho, em 06/01/201). Estar na folia é uma forma de retribuir as bênçãos recebidas por meio dos Santos Reis, quem, “em momento de angústia, recorreu ao universo divino na tentativa de ser ouvido e de ter atendido seu pedido de milagre” (FIGUEIREDO, 2011, p. 38). Em concordância com a autora, “Dona G.” não soube explicar direito, mas disse: “não sei se a gente arresponde a palavra certa, mas é os milagre que Eles

faz prá gente, pra que a gente vê os milagre que Eles faz” (entrevista concedida a Coelho, em 07/01/2015).

Muitas vezes as pessoas questionam como o capitão de folia, “Seu M.”, consegue, mesmo não tendo tanta instrução escolar, atrair tantas pessoas e conquistar tanta admiração, bem como o afeto dos foliões. Como ele circula por uma extensa rede de amigos leais no tempo do giro da folia? Como progrediu com seu grupo? “Zé F.” alegou que “seria assim... um laço de amizade e uma tradição... de todo ano tá ali. Já pela folia... folia tem muitos jeito de folia. Tem o carnaval que eles anda quais pelado. Aqui não, é pela fé nos Três Rei Santo. O santo da bandera pode sê o Pai Eterno, São Sebastião...” (entrevista concedida a Coelho, em 07/01/2015). McGinnis (2006, p. 19) explica que “essas pessoas podem ou não ser ricas, inteligentes ou respaldadas por uma educação dispendiosa. Todas, porém, têm um elemento em comum, um aspecto da personalidade que faz com que sejam respeitadas e admiradas. É o que chamo *fator amizade*” (grifos do autor). É importante observar os princípios de amabilidade e considerar o ser humano em primeiro lugar. A generosidade de espírito também é um princípio universal, tal como o amor a todas as coisas e a gratidão. São fatores acima da extroversão ou timidez, posição social modesta ou de destaque.

A folia de Reis, para alguns foliões, tem o significado de crença no folclore, nos milagres e também em alguma forma de temor. Para “Seu A.”, o significado da folia “é querditá no flocore dos Treis Rei... é quirditá né? Porque pros folião os Treis Rei é milagroso... não castiga ninguém não... é a pessoa que caça...” (entrevista concedida a Coelho, em 17/01/2015). Estar na folia é uma oportunidade de se movimentar ou movimentar algo; já o estar ausente do giro proporciona uma situação caótica, causando determinada desordem física, mental, emocional e espiritual. Deixar de participar do giro de um ano é uma forma de macerar o corpo pelo sentimento de exclusão do tempo-espço sagrado. A maceração corpórea significa que a alma está sofrendo ao deixar de se sentir transportada para outro lugar e comungar com dimensões desconhecidas. Durante o ano, o ser sofre com a falta de harmonia ao se deparar com pensamentos, sentimentos e atitudes que o levam à negociação do retorno. Mais do que simples festa e folclore a cantoria guarda muitos segredos despercebidos.

Por fim, uma ideia ilustre em relação aos 2000 inocentes mortos por causa do Nascimento de Jesus Cristo é a de que “o lamento pela morte das crianças é lembrado pelas mães na interpretação feminina dos cânticos que acompanham a festividade de casa em casa, quando, em tons agudos que mais se assemelham a um grito de lamento e desespero, elas evocam o sentido de grande angústia pela perda dos filhos” (GAZETA UNIVERSITÁRIA, 2015, p. 4). Muitas pessoas não compreendem e não param (no sentido de sobrestar) para pensar nas passagens sofridas e dolorosas da ocasião do Santo Nascimento. São “passagens musicais que levam a uma profunda

reflexão sobre a terrível perseguição sofrida por Jesus Cristo desde seu nascimento” (GAZETA UNIVERSITÁRIA, 2015, p. 4). São significados profundos contidos nas vozes da folia.

Em diálogo com o espiritualista Teotônio Silva – a respeito das aspirações sentimentadas e sentimentalizadas do homem –, chegamos à consideração que os sentimentos são resultados da ação mental e sentimental em todas as dimensões universais. Tudo que vem para nós é do Universo. É sinal universal. O espiritualista explicou que a frase de Fernando Pessoa não é estática. É compreendida segundo o movimento e a movimentação imaterial das pessoas. A alma hoje pode ser pequena, mas vai se tornando ‘grande’ com o passar do tempo. Ela cresce com a aceitação (resignação) dos sinais do Universo (diálogo de Coelho e Silva, 19/05/2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada ou giro de folia é uma espécie de ritual de ajuntamento e encontro de pessoas, uma vez que estão sujeitos a ele foliões, familiares, amigos e, também, desconhecidos. Os mais inesperados encontros podem ocorrer na ocasião dos cerimoniais em comemoração ao Nascimento de Jesus Cristo, a Epifania. Tanto no meio rural quanto no urbano há movimentações e modificações no espaço exterior e interior às casas de festa e às que são visitadas. O espaço e seu cotidiano são alterados, ainda que momentaneamente, tornando-se temporariamente um território familiar entre devotos moradores e foliões. O lugar de descanso e trabalho doméstico privado se torna território de devoção, de cerimonial sagrado, do exercício da fé e de festejos. A folia torna o espaço e o lugar permeável, permitindo a circulação de pessoas para ouvir as cantorias, rezar, orar e fazer suas preces, para comer e encontrar com o semelhante na ocasião do cerimonial religioso.

Pelos estudos que realizamos podemos perceber que a folia – de maneira geral – exerce forças poderosas na alma do indivíduo, proporcionando o movimento espacial, formas de territorialidades e alteração espontânea ou não dos lugares. Os ritos e rituais ocasionam uma forma de gravidade físico-espiritual, fazendo cessar o estado de repouso espacial durante o ano todo. O giro da folia influencia no movimento por criar a necessidade de ensaios durante o ano, a troca de ideias, negociações entre foliões de pousos com quem fez uma promessa e solicita a presença do grupo para realizar os rituais de entrega de voto; na movimentação para marcar o giro; os foliões de pouso esperam o capitão até o primeiro final de semana de dezembro e, caso ele não apareça, os devotos se afligem; na confecção de uniformes, reparo de instrumentos e outros. Durante o giro há negociações entre embaixadores na hora de “embaixar” as cantorias; entre as respostas para

responder a cantoria do embaixador; entre o capitão e os foliões em diversas ocasiões: vozes, instrumentistas, disciplina, na necessidade de benzeção.

O giro na cidade é diferente do realizado no meio rural por haver uma maior aglomeração de residências, encurtando o tempo e as distâncias; por haver asfalto, ao invés de estradas de chão; por ser possível pernoitar em casa e não ter que se sujeitar a acomodações insalubres em paióis, debaixo de árvores e em outros lugares desagradáveis. Por outro lado, a vida na cidade é regulada pelas atividades trabalhistas, escolares e por outras dimensões da cotidianidade que interferem na articulação do grupo, ou seja, alteram o estar presente nos ensaios, no giro e em outras eventualidades. Na cidade, há o superaquecimento causado pelo asfalto e pelas construções de alvenaria, enfim, pela alteração do meio ambiente em geral; os ruídos dos automóveis, o trânsito, os sons automotivos e dos aparelhos nas residências, as pequenas comemorações, a falta de esclarecimento sobre a fé e o folclore brasileiro também é diferente. Ademais, nela os foliões se deparam com a fé nas religiões em prejuízo da fé em um Ser Universal, ou seja, notamos que as pessoas têm mais fé (cega, sem lógica e compreensão) no que os sacerdotes dizem (católicos, protestantes e outros) do que em um acontecimento único e independente de religiões: o Nascimento de Cristo. Uma contradição se forma, pois há católicos que não gostam da folia por vários motivos ainda não explorados cientificamente; há protestantes que gostam dela e a recebem sem receio, mas os que apenas a simpatizam e admiram, mas receiam retaliações, somente observam de longe.

Como explicado, a folia na cidade grande sofre interferência dos ruídos de carros de som, dos aparelhos de som, das festas corriqueiras e das religiões que existem e são confundidas com fé (pessoas que têm mais fé na religião do que na Divindade Universal). Por isso, há também foliões que estão na folia não pela fé e devoção, mas por motivo folclórico, de festa e para se exhibir como músico instrumentista e vocalista. Os objetivos principais da folia são os de representação da viagem dos Três Reis Santos de suas terras até a manjedoura, evangelizar de forma cantada, arrecadar dinheiro ou espécie para a realização da festa final, louvar a santidade ou simplesmente festejar sem intenção religiosa. Estar na folia é uma forma de receber a bênção dos Três Reis Santos, de fazer amigos ou de mantê-las, de estar com o outro, de comer, de festejar e garantir a continuidade dos festejos.

A Cia. de Santos Reis do Jardim das Aroeiras, em Goiânia, é uma escola para todas as idades, homens e mulheres, sem distinção de pessoas. É um grupo composto por pessoas da vizinhança, por familiares, amigos de outros lugares da cidade e de fora dela. Busca a moralização e a desmaterialização do indivíduo (no sentido de busca espiritual e abdicção do alcoolismo, tabagismo e outros vícios); visa a superação do orgulho, do egoísmo e da vaidade (ao incluir

simbolicamente o semelhante, dando-lhe oportunidade de participação no grupo) para que a festa possa continuar e se expandir para outros lugares. Isso demanda outras pesquisas científicas no intuito de observar outras lógicas, obter mais compreensão e entendimento a respeito da cultura e da fé nas manifestações do Nascimento do Cristo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria G. de. Festas Rurais e turismo em territórios emergentes. *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidade de Barcelona, v. XV, n. 919, 15 abr. 2011. Disponível em: <www.ub.edu/geocrit/b3w-919.htm>. Acesso em: 8 mai. 2011.

ALMEIDA, Maria G. de; VARGAS, Maria A. M.; MENDES, Geisa F. Territórios, Paisagens e representações: um diálogo em construção, *Mercator*, Fortaleza, v. 10, n. 22, p. 23-35, maio/ago. 2011.

COELHO, Tito O. *Interações espaciais ritualizadas em giros de folia: um estudo no Jardim das Aroeiras em Goiânia*. 2012. 192f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás/UFG, Goiânia, 2012.

_____. Interpretando interação espacial: fixos e fluxos, peregrinação, migração e ritual na folia de Reis. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, Rio de Janeiro, UERJ, Instituto de Artes, v. 8, n. 1, p. 67-77, maio. 2011.

CURADO, João G. da T.; MAIA, Carlos E. S. Marcas da ‘Santa Dica’ nas paisagens de festas em Lagolândia, GO. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, Rio de Janeiro, UERJ, Instituto de Artes, v. 8, n. 1, p. 178-192, maio. 2011.

FIGUEIREDO, Beatriz H. R. Os ex-votos do período colonial: uma forma de comunicação entre pessoas e santos (1720-1780). *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, Rio de Janeiro, UERJ, Instituto de Artes, v. 8, n. 1, p. 37-47, maio. 2011.

FORTUNA, Carlos. (Micro)territorialidades: metáfora dissidente do social. *Terr@Plural*, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Ponta Grossa, Ed. UEPG, v. 6, n. 2, p. 199-214, jul./dez. de 2012.

LÔBO, Tereza C.; MAIA, Carlos E. S. Diferentes formas de estar na festa. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, Rio de Janeiro, UERJ, Instituto de Artes, v. 8, n. 1, p. 147-160, maio. 2011.

MCGINNIS, Alan L. *O fator amizade: como cativar as pessoas de quem você gosta*. São Paulo: Paulos, 2006.

MOREIRA, Ruy. *O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes da renovação*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Sociedade e espaço geográfico no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.

PEREIRA, Luzimar P. Bendito louvado seja: notas etnográficas sobre os cantórios religiosos das folias de Urucuia-MG. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, Rio de Janeiro, UERJ, Instituto de Artes, v. 8, n. 1, p. 161-177, maio. 2011.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique; QUIROGA, Ana P. de. *Psicología de la vida cotidiana*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1985.

Uma história dramática entoada por vozes femininas: a dor da perda dos filhos. *GAZETA UNIVERSITÁRIA*, Ano I, n. 15, 2ª quinzena de janeiro de 2015, p. 4.

Recebido para avaliação até 28/11/2015

Aprovado até 15/12/2015